

DENTRO DOS OLHOS DE RESSACA

A luz raiou de súbito depois que o dedo do criado acendeu o lampião. Ainda confusos, quase como um acometido de enxaquecas, do teto foram vagarosamente até ao chão à procura dos chinelos.

Tinham a qualidade de ver somente o que o coração e a mente pedem, por isso, muitas cenas eram escondidas atrás deles, mesmo estando escancarados; um exemplo disso é tudo que observavam sem a ordem dos seus instintos. Eram funcionários número um da mente e forneciam suas imagens à lembrança.

Abrir e fechar constante. Rapidez que tecnologia alguma podia superar. O minúsculo fio de cabelo foi facilmente descoberto dentro do cesto de roupas. Um banho simultâneo nos produtores de algo líquido, mesmo, em muitos casos, ser a água do lavatório.

A cobrança é constante aos dois. Esses trabalham infinitamente, mais do que muitos daquela família chamada corpo. Só perdem para o coração, mas os sofrimentos que fazem os olhos produzirem as lágrimas não são culpa dele, ou são?

Deixemos isso para a mente, voltemos aos olhos. Pretos, verdes, castanhos e azuis. Ah os azuis eram os mais desejados para se ter e para se ver, no sentido ambíguo do termo. Olha só, os que acabaram de acordar e estão agora no banheiro são azuis. Passam o jardim, entram de novo na casa, vão observando tudo como o pintor contempla seu mais belo quadro, mas ainda escondendo tudo a mando do coração desconfiado e descrente.

Ajudam os braços e as mãos a puxarem o banco do piano, apresentam todas as notas prontas para serem ouvidas, se tocadas, mas coração e a mente movimentam os olhos para uma foto que os fazem trabalhar numa inundação profunda. São os olhos de ressaca, para lá

enlouquecidos, os olhos dessa história inacabada terminam encharcando as mãos e os muitos lenços por um sentimento misto de desconfiança, amor e saudades.

Fica aqui uma epígrafe aos avessos: os olhos que nunca poderiam ver um ao outro a não ser pelo espelho, derramaram muitas lágrimas que não puderam ser observadas nesse romance a não ser por outros olhos que aqui se justificam pelo uso excessivo de lágrimas no parágrafo anterior.

Meia-noite, fecham-se os olhos.